

HISTÓRIA
DOS SABERES
PSICOLÓGICOS
NA CULTURA
BRASILEIRA

Marina Massimi



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor

Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora

Maria Arminda do Nascimento Arruda



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente

Sergio Miceli Pessoa de Barros

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente

Rubens Ricupero

Vice-presidente

Maria Angela Faggin Pereira Leite

Clodoaldo Grotta Ragazzo

Laura Janina Hosiasson

Merari de Fátima Ramires Ferrari

Miguel Soares Palmeira

Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior

Suplentes

Marta Maria Galdes Teixeira

Primavera Borelli Garcia

Sandra Reimão

Editora-assistente

Carla Fernanda Fontana

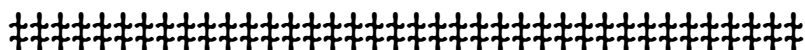
Chefe Div. Editorial

Cristiane Silvestrin

HISTÓRIA



DOS SABERES



PSICOLÓGICOS



NA CULTURA



BRASILEIRA



Marina Massimi



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Massimi, Marina

História dos Saberes Psicológicos na Cultura Brasileira /
Marina Massimi. – São Paulo: Editora da Universidade de São
Paulo, 2023.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5785-109-8

1. Psicologia. 2. Brasil – Período colonial – História. 3. Psicologia – História. 1. Título.

22-136977

CDD-150.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Psicologia 150.981

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2023

Foi feito o depósito legal

A Josef Brožek e Luigi Giussani

In memoriam

Sumário

Agradecimentos	9
Prefácio – <i>Regina Helena de Freitas Campos</i>	11
Introdução	17
1. Tratados nas malas dos missionários: a transmissão dos saberes psicológicos do Ocidente na Terra de Santa Cruz	31
2. “As cartas que de cá escrevo”: saberes psicológicos e narrativas de vivências na correspondência epistolar	71
A. As Cartas <i>Indipetae</i>	77
B. As Cartas Missionárias	89
3. Palavra, verdadeiro <i>pharmacon</i> de corpos e almas	135
4. A “arte de educar bem os filhos” ensinada pelos tratados	229
5. “Estrada eu sou”: a constituição dos saberes psicológicos nas novelas de peregrinação	257
6. “Recebo alívio percorrendo em trabalhos”: traços de saberes psicológicos em obras autobiográficas e em ensaios de autores brasileiros	345

7. “Nos corações uns júbilos de tão suave alegria, que a experiência a julgava alheia da natureza, o juízo, comunicada do céu”: as festas mobilizadoras de sensações, afetos e pensamentos.	399
Conclusão	443
Posfácio – <i>William B. Gomes</i>	451
Referências Bibliográficas	459
Créditos das Imagens.	499
Índice dos Autores mais Notáveis	501

Agradecimentos

Agradeço o constante apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o que possibilitou a realização das pesquisas que resultaram neste livro.

Agradeço a Carolina de Resende D. Cardoso, pela atenciosa revisão.

Um agradecimento especial ao generoso amigo e colega William B. Gomes, pelo incentivo e pela revisão do texto e dos índices, e sobretudo pelo posfácio; e à querida amiga e colega Regina Helena de Freitas Campos, pelo prefácio. Ambos os textos testemunham a profunda compreensão do horizonte e das exigências que sempre inspiraram minhas pesquisas, compreensão que se fez possível pelo fato de terem os dois colegas me acompanhado com amizade, incentivo e generosidade ao longo de todo o meu percurso humano e científico no Brasil. *Grazie di cuore!*

Um agradecimento também aos tantos amigos e colegas que participaram e apoiaram todo o percurso de que este livro é fruto. E à minha família: Maria Zoe, Tanino, Cleber, Edoardo e Amanda; aos meus pais Emma e Massimo (*in memoriam*) e aos meus avós (*in memoriam*). E, por fim, agradeço a Deus, pois tudo foi fruto dos tantos encontros que Ele me concedeu na vida: entre eles, um dos mais importantes, o encontro com o Brasil, seu povo e sua cultura.

Gostaria de agradecer a generosidade do saudoso doutor José Mindlin (*in memoriam*), que ao longo de vários anos me recebeu em sua casa e em sua biblioteca para realizar minhas pesquisas. Igualmente agradeço as orientações recebidas naquelas visitas por Cristina Antunes (*in memoriam*), que na época cuidava da biblioteca.

Prefácio

Convidada pela autora a prefaciar o belo livro que o leitor tem em mãos, que trata da produção e circulação de saberes psicológicos na cultura brasileira, devo destacar, em primeiro lugar, a originalidade do trabalho e a riqueza das fontes descobertas por Marina Massimi na descrição dessa interessantíssima história, pouco conhecida por nós, brasileiros. História que fala de nossa subjetividade, de nosso ser no mundo nesse contexto específico em que vivemos e que compartilhamos com nossos contemporâneos e ancestrais.

Italiana de nascimento, Marina iniciou sua trajetória no estudo da história dos saberes psicológicos ainda durante sua formação como psicóloga na tradicional e renomada Università degli Studi di Padova, orientada pelo professor Sadi Marhaba. Lá, o encontro com o psicólogo e historiador tcheco e estadunidense Josef Brožek, um dos fundadores da Divisão de História da Psicologia da American Psychological Association, despertou nela a curiosidade pelo conhecimento mais profundo da história de nossa área. Na época, Brožek procurava fontes sobre a origem da palavra “psicologia” na cultura clássica ocidental. Arquivos que ele percorreu na Europa evidenciaram que essa palavra já circulava entre intelectuais humanistas do século XVI como referência a tratados sobre o conhecimento da psiquê, e que sua origem grega teria sido transportada à Europa por meio de fontes bizantinas¹. Creio que foi nessa época, quando se familiarizou com as bases filosóficas da psicologia e aprendeu a trabalhar com arquivos históricos,

1. Josef M. Brožek, “From ‘Psichiologia’ to ‘Psychologia’: A Graphically Documented Archival Study Across Three Centuries”, 1999.

que Marina empreendeu a construção da temática à qual vem se dedicando ao longo de sua bem-sucedida carreira como professora e pesquisadora na Universidade de São Paulo (USP), em Ribeirão Preto e na capital.

A pesquisa se fundamenta em fontes primárias e secundárias pouco conhecidas, obtidas em arquivos localizados no Brasil e na Europa, como os arquivos de irmandades existentes desde o período colonial em cidades históricas do interior de Minas Gerais (Mariana, Ouro Preto, Sabará, São João del-Rei), documentos obtidos na Itália, na Biblioteca Apostólica Vaticana, ou em Coimbra, Portugal, na Biblioteca do Colégio das Artes da Companhia de Jesus. Seus trabalhos também utilizam correspondências de missionários, viajantes e colonos dos séculos XVI ao XIX, publicadas em anos recentes ou coletadas no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, ou no Arquivo da Cúria Geral da Companhia de Jesus em Roma. Publicações relevantes foram também consultadas na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, em São Paulo, ou na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Enfim, em um trabalho incansável e de grande sensibilidade, Marina tem reunido um significativo conjunto de fontes que, ao lado de testemunhar, em perspectiva histórica, a construção sincrética de saberes psicológicos que moldaram a compreensão da subjetividade na cultura brasileira, são também, por si sós, documentos de grande valor para a compreensão da formação de nossa matriz cultural marcada pela diversidade. Além disso, o trabalho de Marina nos ajuda a compreender a própria construção e evolução dos conhecimentos sobre a mente e a subjetividade humanas com base em sua circulação em diferentes contextos histórico-culturais.

Devo dizer que foi com muito orgulho que recebemos, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2017, a doação de parte desses documentos que Marina reuniu ao longo de sua carreira como pesquisadora, e que constituem na atualidade o Fundo Marina Massimi, inserido nos Arquivos UFMG de história da psicologia no Brasil. Os arquivos estão localizados na Sala Helena Antipoff, na Biblioteca Central da universidade. Generosamente, Marina tornou disponível para estudantes e novos pesquisadores o material que tão cuidadosamente reuniu em sua aventura por arquivos e bibliotecas no Brasil e em outros países.

Os historiadores da psicologia em geral afirmam que essa área de conhecimento tem um longo passado e uma curta história. Longo passado se refere ao fato de a reflexão sobre a psiquê ter sido desenvolvida desde tem-

pos imemoriais, constituindo-se em um dos principais objetos da curiosidade humana. Aristóteles, autor do clássico *Sobre a Alma*, considerado o primeiro livro de psicologia que conhecemos na cultura ocidental, já dizia que o conhecimento sobre a psiquê seria um dos mais nobres e importantes, por tratar do que é o princípio do próprio conhecimento: a mente que conhece. A curta história seria a da psicologia científica que conhecemos atualmente, construída a partir de meados do século XIX nos laboratórios e instituições universitárias nas quais os fenômenos psicológicos passaram a ser investigados experimentalmente por meio da coleta sistemática de dados empíricos. A psicologia científica deu origem a conhecimentos de grande valor para a melhor compreensão dos pensamentos, sentimentos e ações humanas, sem dúvida, e até mesmo a uma profissão: o psicólogo, profissional que se dedica à difícil tarefa de compreender e promover a expansão dos afetos, potencialidades e criatividade humanos, nos limites das possibilidades do contexto histórico e sociocultural. Mas o trabalho de Marina vai além, pois pretende aprofundar nosso conhecimento dos saberes sobre a psiquê que descrevem e expressam a experiência humana no período histórico anterior ao advento da psicologia científica.

Estimulada por Brožek, primeiro, e em seguida por nosso colega também historiador da psicologia, Isaías Pessotti, que, com o decidido apoio da professora Carolina M. Bori, então coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Experimental, a acolheu como estudante de mestrado e doutorado na USP, Marina empreendeu este projeto magnífico: inaugurar uma nova área de estudos sobre o conhecimento psicológico no Brasil no período colonial. Na época, havia poucas referências a essa área na literatura existente sobre a psicologia no Brasil e na América Latina. Em geral, considerava-se que só se poderia falar propriamente de psicologia com o início da criação dos primeiros laboratórios e da produção de pesquisas empíricas utilizando o método científico, a partir do final do século XIX. Pensava-se que a psicologia era produzida em grandes centros de elaboração intelectual e que aqui só poderíamos repeti-la. Atualmente, sabemos que o conhecimento é produzido em diferentes contextos, e, ao circular, adquire as cores do local em que é recebido. Recepção, apropriação, indigenização, hibridização são os conceitos com os quais trabalham os historiadores da ciência na atualidade, chamando a atenção para as transformações do conhecimento nesse processo de circulação.

Ao trabalhar com Pessotti, Marina iniciou a coleta de fontes para contar esta outra história: a história dos saberes sobre a dimensão psicológica do ser humano presentes na cultura ibero-americana desde a época do descobrimento e durante os anos de colonização do território brasileiro, construídos com base nas matrizes diversificadas que compõem a nação brasileira.

Neste livro, ela apresenta uma síntese dos resultados da pesquisa historiográfica realizada até agora, definindo como marco temporal o período histórico compreendido entre os séculos XVI e XVIII, marcado pela dependência do Brasil na condição de colônia portuguesa. Saberes psicológicos definidos como explicações sobre a organização e o funcionamento da mente humana como “aparelho psíquico”, na expressão freudiana.

Chama atenção, nas fontes consultadas, a presença majoritária de autores brasileiros, ou que viveram no Brasil grande parte de sua vida. Essa presença documenta a posição “decolonial”, para utilizar uma expressão que ganha força na contemporaneidade. Decolonial² no sentido de tratar em igualdade de condições os saberes originados e construídos em diferentes partes do mundo, pois sabemos que, no processo de circulação, são transformados e reconstruídos de acordo com as perspectivas locais, expressando a experiência humana em diferentes contextos. Assim, no trabalho de Marina, não faz muito sentido olhar as contribuições desses autores apenas como continuidade ou repetição de ideias originárias de regiões consideradas mais adiantadas, do ponto de vista da cultura material. A cultura construída no território brasileiro é por ela tratada com o respeito que merece como construção coletiva marcada pela criatividade e invenção humanas. Além disso, a atenção às condições contextuais em que os autores propuseram suas interpretações sobre a psiquê evidencia a compreensão dessas obras como testemunhos das conexões entre o “existir e o pensar”, como ela esclarece.

Em sua viagem pelos arquivos e publicações, Marina vai mostrando e dissecando as matrizes de pensamento que moldaram fortemente as vivências dos habitantes dessa parte do planeta desde os tempos da Colônia, em uma perspectiva de longa duração dos fenômenos históricos que chama a atenção para a permanência das estruturas. Os tratados chamados *conim-*

2. Cf. Emmanuelle Sibeud, “Des ‘sciences coloniales’ au questionnement postcolonial: la décolonisation invisible?”, 2011.

bricenses, que contêm comentários das obras aristotélicas realizados numa perspectiva tomista pelos filósofos jesuítas do Colégio das Artes de Coimbra, são já uma primeira mostra da apropriação dos conteúdos da filosofia grega no início do pensamento moderno. Também as cartas dos missionários jesuítas evidenciam como pensavam a subjetividade, sendo, segundo a autora, os mais antigos documentos escritos produzidos no país. Cartas já redigidas nas línguas modernas, então em formação (o espanhol, o português, o italiano e outros idiomas). Por meio delas se pode entrever não só o modo de vida da época, mas os ideais perseguidos pelos missivistas, outra marca importante da subjetividade e da cultura em construção e circulação, em um jogo de olhares diversos em interação: missionários, indígenas, africanos, vivendo em diferentes temporalidades. E Marina associa a tradição de utilização da palavra no sentido de moldar as consciências como continuidade entre as práticas orais das populações nativas e a tradição religiosa ocidental, que visava à formação de hábitos e de novas mentalidades.

Importantes também são as observações sobre a educação, tanto na análise dos sermões que propagavam a visão de mundo, a ética e as virtudes cristãs, tão presentes na formação da cultura brasileira, quanto nos tratados de educação das crianças produzidos por missionários e educadores. Os jesuítas estão entre os primeiros educadores que, na Colônia portuguesa, pretendiam formar a nova mentalidade, imbuída dos valores que pregavam. Consideravam que a adequada educação da juventude seria primordial na promoção do bem-estar humano, ideia que anuncia a modernidade. Ao tratar da educação, a autora comenta sobre a articulação de competências e valorização de conhecimentos científicos que já no final do século XVIII anunciam a construção da pedagogia humanista e o movimento higienista do século XIX. Assim como a preocupação com a informação das mulheres e mães de família sobre como educar os filhos, que considera também moderna e que merece mais investigações, pois a história das mulheres no Brasil ainda está por ser contada de maneira mais completa. Também as festas e brincadeiras são abordadas pela autora, com sua forte presença na formação cultural brasileira.

Por fim, Marina indaga, com Pickren e Rutherford³, nossos colegas historiadores da psicologia que nos provocam a refletir sobre as relações entre

3. Wade E. Pickren e Alexandra Rutherford, *A History of Modern Psychology in Context*, 2010.

nossa área de conhecimento e seu contexto de produção e circulação, sobre considerar a psicologia brasileira como mestiça, em uma metáfora que remete ao hibridismo de nossa formação social e cultural. A resposta de Marina é positiva: sim, a psicologia brasileira pode ser compreendida como uma síntese na qual estão presentes as concepções da psiquê oriundas das diversas matizes culturais que nos constituem – em uma forma original de lidar com a diferença. Seríamos então uma cultura em que sobressaem a tolerância, a solidariedade, a aceitação do outro? Talvez o trabalho de Marina nos ensine exatamente a nos ver nesse espelho de identidades compartilhadas, tornando-nos mais generosos para com nossa própria história. Se essa história não foi tão inclusiva e justa para com a diversidade de etnias e culturas que nos constituem como gostaríamos, mesmo assim nos mostra um perfil de maior compreensão mútua, maior amorosidade, como diria Paulo Freire⁴.

REGINA HELENA DE FREITAS CAMPOS
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROŽEK, Josef M. “From ‘Psichiologia’ to ‘Psychologia’: a Graphically Documented Archival Study Across Three Centuries”. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, vol. 35, n. 2, pp. 177-180, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina: Reflexões sobre Minha Vida e Minha Práxis*. Org. Ana Maria de Araújo Freire. São Paulo, Editora Unesp, 2002.
- PICKREN, Wade E. & RUTHERFORD, Alexandra. *A History of Modern Psychology in Context*. Hoboken, John Wiley & Sons, 2010.
- SIBEUD, Emmanuelle. “Des ‘sciences coloniales’ au questionnement postcolonial: la décolonisation invisible?”. *Revue d’Histoire des Sciences Humaines*, n. 24, pp. 3-16, 2011 (Dossier Décolonisation et Sciences Humaines).

4. Cf. Paulo Freire, *Cartas a Cristina: Reflexões sobre Minha Vida e Minha Práxis*, 2002.

Introdução

OBJETOS E OBJETIVOS DESTE LIVRO

A história dos saberes psicológicos na cultura brasileira tem por objeto o estudo de aspectos das *visões de mundo* presentes nessa cultura, relacionados a conceitos e práticas *psicológicos*¹. Portanto, a área é parte da história cultural, o domínio de conhecimento histórico que aborda as visões de mundo de determinada cultura, com recursos metodológicos próprios. A noção de visão de mundo articula sem os reduzir um ao outro, o significado de um sistema de pensamento, por um lado, e, por outro, as condições sociopolíticas da vida de um grupo, ou de uma sociedade, os quais partilham esse sistema de pensamento em dado momento histórico². O domínio da visão de mundo abrange tudo o que era *possível* pensar e escrever naquele período histórico (o universo do pensável) e o universo das práticas que expressavam aquele saber³.

Os saberes psicológicos são reconstruídos por intermédio de percursos investigativos que buscam evidenciar pela via histórica, por meio das fontes, os principais objetos, métodos e atores do processo de constituição de conhecimentos e práticas psicológicas no Brasil ao longo do tempo.

1. Tomamos o sentido do termo cultura segundo a definição de Arendt: o lar construído pelos homens sobre a terra durante sua estada aí, no qual a totalidade das coisas fabricadas é organizada de modo que possa resistir ao processo vital consumidor das pessoas que o habitam, sobrevivendo assim a elas. Cf. Hanna Arendt, *Entre o Passado e o Futuro*, 2003. A definição de *psicológico*, convencional e provisória, deve ser substituída no decorrer da pesquisa pela terminologia e demarcação de campos pertinentes aos específicos universos socioculturais estudados.
2. Roger Chartier, “O Mundo como Representação”, 1991.
3. Michel de Certeau, *A Escrita da História*, 2000.

LANÇAMENTO 2023

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

